

Apontamentos da Escola de Comunidade (EdC) com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 7 de abril de 2020

Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019, pp. 73-82.

Boa noite a todos. Começamos com uma oração para pedir a ajuda especial de Nossa Senhora para os nossos amigos e familiares que estão doentes. Confiamos-lhe também os nossos mortos e das nossas famílias.

Ave Maria / Gloria / Veni Sancte Spiritus

Esta noite decidimos fazer EdC por videoconferência, ficando cada um em sua casa por causa da emergência de saúde pública. É uma tentativa, mas espero que tudo corra bem. Esperamos que todos tenham conseguido ligar-se e possam acompanhar o encontro.

A certa altura do caminho da EdC, que tem como tema "A permanência do acontecimento na história", aconteceu uma coisa inesperada: o Coronavírus meteu-se no percurso que estamos a fazer. É um acontecimento inesperado que nos está a desafiar a todos. Cada um de nós é chamado a verificar a consistência da afirmação acerca da permanência do acontecimento cristão diante dos desafios da vida, e não em termos teóricos, mas em termos de experiência. Todos somos, por isso, confrontados com a grande questão: o acontecimento de Cristo permanece na história? Pensando em tudo aquilo que estamos a viver, onde é que o vemos acontecer?

O capítulo que estamos a trabalhar – acabaste de o lembrar – fala da Igreja, da nossa companhia, e diz com muita simplicidade e clareza o seu valor: a nossa companhia é o rosto de Cristo, é a manifestação de Cristo, é o lugar onde encontramos Cristo. Na origem da companhia está um acontecimento: «A pertença à companhia (...) nasce de um acontecimento (p.79)». O que é que me interroga? Em primeiro lugar, ao mesmo tempo que a beleza que vejo nas nossas comunidades, nos grupos de Fraternidade e nas EdC, vejo também dificuldades. Estas dificuldades parece-me que nascem de uma ideia, não dita, mas presente: que a unidade cresça e se aprofunde, sim, mas para que isto aconteça é preciso primeiro resolver uma série de questões, de problemas, de dificuldades. Chega uma pessoa nova (aceitamo-la ou não a aceitamos?), há relações tensas que é preciso melhorar, alguns relacionamentos são difíceis, os feitios fazem fásca, etc. Cada um de nós pode acrescentar à lista. Há a tentação de acreditar que “resolvendo” primeiro as relações entre nós possa “resplandecer” o acontecimento de Cristo. Tu recordas-nos muitas vezes o facto de que «O método é sempre o do início», nunca muda, mas a tentação de mudar de método é forte. Porquê? No início há um fascínio, há a beleza de Cristo que se encontra através dos rostos da companhia, através do Movimento; a seguir dá-se um passo atrás e é como se se tivesse que prosseguir com uma ordem, uma regra, uma solução nossa. É como se acreditássemos que a beleza do início renasce por um “equilíbrio” gerado por nós. A minha pergunta é: porque é que decaímos, porque é que mudamos o método, porque é que damos um passo atrás? O que é que nos impede de permanecer na posição do início? É uma questão moral? É uma questão de distração, desatenção? Em resumo: porque é que passamos de um acontecimento para uma organização?

Parece-me que esta pergunta, que colocaste antes que começasse a disseminação do Coronavírus, diz respeito a todos nós em algum momento da nossa vida, ainda mais neste momento. É um tema que me parece decisivo, porque marca a passagem do primeiro para o segundo capítulo do *Gerar rasto*: como disseste, o acontecimento gera um fascínio, mas, com o tempo, é como se este fascínio diminuísse e, portanto, seria preciso da nossa parte um esforço para "arranjar" as coisas. Como se o passo representado pelo primeiro capítulo não persistisse e tivéssemos que nos apressar com todas as nossas energias para pôr no seu devido lugar as relações. Temos que ter em conta esta situação, porque se logo na primeira curva, na passagem do primeiro capítulo para o segundo, vimos que acabamos fora de estrada, imaginem com os desafios que temos de enfrentar agora! Por isso, a pergunta que tu colocaste é decisiva, porque precisamos de verificar se a nossa tentativa

de ordenar as coisas pode gerar a unidade inicial que nos fascinou e que perdemos. Vemos constantemente que os nossos esforços têm pernas curtas. Então, perguntemo-nos: onde vemos voltar a acontecer o fascínio de um acontecimento que não conseguimos substituir com as nossas tentativas? Só assim podemos verificar se permanece ou não.

A partir do trabalho sobre a Escola de Comunidade, dei-me conta de que ao longo do dia me surgia muitas vezes esta frase: “A companhia dos crentes é sinal eficaz da salvação de Cristo para os homens, é o sacramento da salvação do mundo”.(p. 51) Esta frase provocou-me de modo particular, porque, por um lado, não me deixa espaço para fazer batota: ou eu faço de forma muito concreta esta experiência de salvação, ou não a faço; não há nenhuma explicação teórica que resista. Em segundo lugar, toca num tema que me é particularmente caro. Com efeito, saí do Clu há alguns meses e a relação com “a companhia dos crentes” mudou, aguçando a necessidade de redescobrir como verdadeira a afirmação de Giussani. A este propósito, queria contar o que descobri. Uma manhã recebi duas notícias muito positivas e inesperadas relativas ao trabalho. Depois fui para o meu estúdio e comecei a trabalhar, mas sem cuidado, aliás, com uma certa aversão e hostilidade, como que vencido por um fechamento em relação às coisas. Neste estado, recebi uma chamada da minha namorada. Respondi com má disposição, por ter sido descoberto sem fazer nada. E depois veio uma grande dor, ao constatar que não sou capaz de ser eu nem diante de mim mesmo, nem diante das pessoas que me são mais queridas, embora o desejasse. Quando pousei o telefone, a primeira coisa que pensei foi que o problema era a relação com ela, que tinha de resolver a relação com ela; mas isto não resistiu nem um segundo, era demasiado evidente com aquele telefonema que eu não tinha nenhum recurso para “resolver” de nenhuma maneira, nem a mim, nem a ela. E foi aqui, diante da pergunta “e então quem é que me salva?” que surgiu com toda a sua provocação a frase da EdC que citei antes: “a companhia dos crentes é (verdadeiramente) sinal eficaz da salvação de Cristo para os homens?”. Nessa noite, uma grande amiga minha, com quem partilhei os anos do Clu, tinha-me convidado para jantar no seu apartamento. Fui, com a minha ferida e com a provocação da EdC. O jantar foi muito simples, tanto que pensava para comigo: como é que pode ser esta a salvação de Cristo para os homens? Não tendo, porém, muitos recursos e grandes discursos para fazer, fiquei só ali a olhar. Ao longo do serão, muito simples, surgiu uma última resistência minha a ser salvo por alguém que não fosse eu. Isso viu-se logo quando, terminado o jantar, a minha amiga me perguntou como é que eu estava. Comecei a responder-lhe como se tivesse que ser eu, com o meu discurso, a “resolver” a minha ferida. Ou seja, queria saltar a passagem do acontecimento, substituindo-o pelos meus raciocínios. Porém, quanto mais tentava fazer isto, mais a presença da minha amiga se tornava, estranhamente, autoridade; ainda que estivesse em silêncio e me ouvisse, o facto de estar ali diante dos meus olhos era um apelo a não fazer batota com o meu coração, a não me contentar com os meus pensamentos. Tanto que a dada altura, ainda que contrariado, tive de parar e dizer: acho que estou a fazer batota. A primeira surpresa foi que, ao dizê-lo, e, portanto, ao admitir que ainda tinha necessidade de ser conquistado, pela primeira vez em toda a noite sorria, sentindo-me como que libertado de um peso. Finalmente respirava. Depois do dia passado a fugir de mim, diante dela aconteceu o primeiro milagre: poder estar diante da minha necessidade de ser conquistado por Cristo (e não por mim), sem fugir ou encontrar outros caminhos com o meu esforço. A sua presença transformou-se de contrariedade em gesto de ternura para comigo; não uma ternura sua, aliás, mas através dela. Diante da minha amiga, vendo-me assim libertado, veio-me à cabeça um pormenor: ao falar da minha tarde, da dificuldade e da ferida, espontaneamente dizia que tinha estado sozinho toda a tarde. Porém, não era verdade, porque, enquanto trabalhava, estava presente também outro rapaz, com quem partilho o estúdio. Deste pormenor, aparentemente banal, tornou-se claro que nem todas as relações, ou o estar no mesmo quarto, é companhia que salva. De facto, a autoridade que teve a presença da minha amiga não era sua, mas vinha da experiência dos anos anteriores, no dia-a-dia da universidade, fazendo-me assim experimentar naquela mesma noite o que Giussani queria dizer com aquela frase. Nós não conseguimos - é importante termos consciência disto - nem sequer “consertar” a relação com os que mais amamos, imaginem o resto! Pelo contrário, quando acontece um acontecimento que provoca um fascínio, não precisamos de o substituir logo com pensamentos, basta que nos rendamos à evidência de que fomos conquistados por Cristo. Mas, como muito bem disseste, nem

todos as relações conseguem conquistar-nos, nem todos têm uma autoridade (usaste precisamente esta palavra) tal que nos conquista. Por isso, insisto, devemos sempre partir da experiência que fazemos: onde é que isto acontece?

Impressionou-me a maneira como o primeiro e o segundo capítulos da EdC estão unidos. Impressionou-me muito a frase: "Saulo, Saulo, porque me persegues?"(p.53). Surpreendeu-me – apesar de a ter ouvido muitas vezes – porque me dei conta que não vivo a companhia com aquela consciência. E esta coisa ficou a roer-me. Ainda no segundo capítulo li: "É este Homem que torna a minha vida capaz de companhia, [...] agarrando-me e levando-me para dentro de Si, assimilando-me à sua personalidade e fazendo-me tornar membro do seu corpo, através da ação do seu Espírito (p.57)". Há alguns meses fizemos um jantar muito simples com os amigos da diaconia e um sacerdote: ele impressionou-me muito, porque na modalidade de absoluta normalidade daquele jantar, pude ver alguém arrastado por Cristo e pude ver como a sua presença gerou imediatamente uma unidade entre nós como nunca tínhamos visto: zero formalidade, zero estranheza; pude ver o que diz a EdC, sobre a ligação com o Acontecimento: quando uma pessoa é tomada por Cristo gera-se à sua volta uma comunhão real, pelo que todos podem estar gratos por aquilo que está a acontecer. Outro facto que me tem impressionado é o meu grupo de Fraternidade: estamos juntos há 30 anos e nos últimos dois morreram duas de nós. Esta circunstância fez-nos descobrir de novo uma profundidade de amizade, fez emergir de novo toda a necessidade que cada um tem e isto mudou as nossas relações, sobretudo tornou evidente o facto de que somos dom uns para os outros. Isto fez-me também lembrar a tua insistência - na carta que mandaste à Fraternidade no início de janeiro - sobre a virgindade, que eu sempre tive dificuldade em perceber. Começo a intuir pouco a pouco que a virgindade é a verdadeira posição para viver a companhia, porque reconheces que o outro te é dado; então participas de um acontecimento e de uma companhia, em vez de teres a preocupação de os gerir (penso nisto também relativamente à minha responsabilidade na comunidade, ou no meu trabalho como diretor de uma escola). Posso participar numa beleza que me é dada de um modo totalmente gratuito. Penso que preciso de preservar isto e basta, não há muita outra coisa a fazer.

Quando vocês contam a vossa experiência, surpreende-me sempre como deixam vir à tona coisas que podemos depois encontrar no texto da EdC e, assim, tornam-no precioso para todos nós. Na intervenção anterior, disse-se que nem todas as relações conseguem gerar unidade, e isso mostramos o fracasso das nossas tentativas de "resolver" as coisas. Agora tu citaste o "porque me persegues?", que tinhas ouvido tantas vezes, confessando que nunca tinhas vivido a companhia com essa consciência. Onde é que viste acontecer essa consciência de novo? A certa altura, mencionaste uma pessoa, um padre amigo: a sua presença durante o jantar gerou imediatamente uma unidade. Não foste tu quem a geraste, ou aqueles que estavam contigo, com a tua tentativa. Isto espanta-me e é precioso, porque documenta antes de tudo que o acontecimento só permanece como acontecimento. Não se trata de o acontecimento estar lá no início e, uma vez acontecido, somos nós que o gerimos ou resolvemos as coisas. Não é assim que se passa, de tal modo, que, quando o vês acontecer, não te preocupas em administrá-lo - seja o grupo da Fraternidade ou a comunidade -, mas apenas com segui-lo. Isto é espetacular, porque diz como é que o acontecimento permanece. Como coloca *don* Giussani diante do nosso olhar a maneira como ele segue, de um modo único, como o Mistério faz as coisas, que depois também nós descobrimos? Ele diz que a companhia possui uma lei geradora, que é fundamental surpreender no seu momento de surgimento, tal como tu fizeste: «O acontecimento deste organismo que Deus despertou para que seja no mundo o ponto de chamamento [...], a partida e o resultado de tudo, tem uma lei generativa que é também aquela do seu desenvolvimento.» Que lei? "A lei da escolha ou eleição" (p. 60). Passa através de alguém, que não decidimos nós nos nossos planos, mas quem Ele escolhe: é o mediador, isto é, "que torna tudo o que existe, no seu âmbito, para Cristo" (p. 66) e gera uma unidade que surpreende, como a que foi gerada pelo amigo padre. Esta exigência de unidade que todos nós temos é tornada possível, diz Giussani, pelo homem escolhido, pelo homem chamado. Ao ponto de afirmar que é possível tornar-se uma só coisa com os outros pela graça de um acontecimento. "É este homem que torna a minha vida capaz de companhia", é Ele quem o faz acontecer. Como? "Agarrando-me e levando-me para dentro de Si, assimilando-me à Sua personalidade" (p. 57) através de quem Ele quer. Nós não decidimos como é que isto acontece,

só podemos segui-lo constantemente quando vemos isso acontecer. Caso contrário, na passagem do primeiro para o segundo capítulo do *Gerar rasto*, alteramos o método, decidindo o modo como permanece. Não! É sempre Ele quem acontece, de acordo com uma modalidade carnal, histórica e precisa, que Ele escolhe.

*Ao ler o teu texto sobre a solidão ("Fé e solidão", Passos, n.2 / 2020, pp. 10-18), percebi melhor aquilo de que falámos da última vez, ou seja, que existem duas maneiras de viver no escuro e na solidão. Depois de um período pesado e difícil por causa do trabalho, de problemas de saúde e, principalmente, após a exacerbação de certas tensões na relação com uma pessoa de quem sou muito amigo, vi-me totalmente exposto na minha fragilidade e fraqueza; e experimentei alguns momentos de solidão em que fracassos, erros e contradições realmente pareciam ser a última palavra sobre a vida. O pensamento mais terrível que surgiu nesses momentos foi: "Cristo venceu em tudo, menos em mim". Quando me disseste que precisava de fazer um trabalho sobre o instrumento do pensamento, aprendendo a usar a razão em toda a sua amplitude e poder, percebi de repente que tinha havido outra maneira de viver a solidão, a impotência e a escuridão, e por isso o que tu me disseste me parecia familiar. Mas eu não tinha valorizado o que tinha vivido até tu me dizeres estas coisas. Aquela maneira positiva de experimentar a escuridão como uma ocasião e uma provocação para fazer surgir o meu eu não se tinha ainda tornado verdadeiramente minha, ainda não tinha conhecimento dela como autoconsciência. Tomei assim consciência de uma experiência que já tinha tido. E percebi melhor que essa é a companhia de que Giussani fala no capítulo da EdC que estamos a trabalhar. É Cristo, é mesmo Ele que permanece na história e na minha vida, pessoal e realmente, através de um lugar, rostos humanos e fisionomias muito específicos, que me fazem descobrir de novo toda a grandeza do meu ser, que poem em movimento o afeto e fazem abrir a razão. Não é a companhia que pode atravessar as trevas e a solidão em meu lugar. Mas sem este lugar, sem o que meus olhos veem acontecer aqui, sem as suas constantes provocações e solicitações, eu sucumbiria à escuridão. Enquanto conversávamos, também senti que essa possibilidade de não sucumbir às trevas e à falta de sentido é o maior contributo que posso dar ao mundo; é a verdadeira companhia que posso fazer aos outros. Em certos momentos de maior dificuldade, pensei: "Estou aqui todo embrulhado em mim mesmo e não estou a dar nenhum contributo ao mundo e aos meus irmãos homens". Mas ouvindo-te falar, quando os meus olhos se abriram novamente, perguntei-me: "De que precisa realmente o mundo agora, numa época em que o nihilismo parece espalhar-se sem freio?". Percebi então que o maior contributo que poderia dar ao mundo era precisamente deixar entrar uma Presença, graças à qual eu posso começar a dizer novamente: "Eu" dentro da escuridão, reconhecendo até aquela circunstância difícil como dada por um Outro e assim vencendo o nada. É como nos termos preparado para o desafio do coronavírus, para a solidão que tivemos de enfrentar e para a escuridão que se espalhou de tantas formas. Por isso, nem a ti, nem a nenhum de nós, é poupado o percurso de conhecimento que tu descreveste. Tal como Jesus não poupou os discípulos a esse percurso. Uma companhia entre nós que não se comporta como Jesus não é verdadeira companhia e, no fim, Jesus permanece exterior à nossa modalidade de olhar para a vida, uma modalidade incapaz de desafiar a escuridão à qual Ele veio responder. Vemos deste modo a densidade do que diz a EdC: o encontro com Cristo tornou-se "um acontecimento real" no Batismo. Que aconteceu no Batismo? Não foi nada mecânico ou isolado no tempo. Foi antes um início, um acontecimento no qual Cristo, "como *vir pugnator*", começou "uma luta para a 'invasão' da nossa existência" (p. 73). Como podemos perceber a profundidade e o alcance histórico do Batismo? "Começa-se a perceber isto no encontro com uma companhia cristã viva [prestem atenção ao adjetivo]" (p. 74), porque sem uma companhia cristã "viva", que desperte em nós a memória do acontecimento inicial e nos faça percebê-lo na sua densidade, no fim não podemos deixar de permanecer na escuridão ou presos nas circunstâncias. O Batismo, portanto, através de uma companhia cristã viva, "faz perceber que a vida é um combate para a afirmação de Cristo" (p. 74).*

Gostaria de partilhar a experiência destes dias em que a realidade é uma realidade que nos faz tremer. Há colegas e amigos doentes ou que perderam pessoas de família. Pessoas que morrem. Na quotidianidade do dia a dia, uns mais, outros menos, temos medo e preocupação por

nós e pelos nossos pais, pela família. Mas esta realidade não nos faz tremer só por isto. Faz-nos tremer pelo modo como provoca as perguntas do coração, as perguntas últimas do coração que não podemos eliminar, inevitáveis e que, no fundo, põem no centro da nossa atenção a fé. Pois bem, experimentei que o vírus, a experiência deste momento, põe tudo em discussão. Em particular, impressiona-me ouvir falar diariamente de luta, guerra e batalha, de pessoas que lutam pela própria vida e pela vida dos outros (médicos e enfermeiros), que lutam para salvá-los. Normalmente usamos estes termos para definir circunstâncias habituais como o trabalho, ou a família e as relações com os filhos. Porém, na minha vida, a verdadeira batalha só começou quando disse o primeiro “sim” a uma certa companhia, porque somente esse “sim” tornou a minha vida realmente combativa, tornou cada instante, depois do primeiro encontro e, com o tempo, na sucessão dos meus “sins” e dos meus “nãos”, uma batalha. E é a batalha pela afirmação de Cristo! Não consigo encontrar outras palavras. Esta é a minha batalha quotidiana também nestes tempos em que estou em casa com a minha família, ao telefone com os meus amigos ou em videoconferência com os meus colegas. Em tudo o que faço esta é a evidência que emerge de maneira inevitável. Não posso deixar de reconhecer esta evidência. E não se trata de um esforço. Eu não faço nada. Posso apenas decidir, quando me dou conta, deixar espaço para esta Presença na minha vida. Conto um episódio. No outro dia, estava numa vídeo-chamada com uma colega e, a certa altura, ela fez-me uma pergunta simples, que normalmente fazemos, também em condições normais: “Como estás?” Estava a começar a responder: “Estou bem, como poderia dizer outra coisa?”, quando ela me disse: “Para! Não vale a pena continuares. Percebi. Vê-se que a tua consciência traz um bem, um bem para ti e para todos aqueles que estão perto de ti, também no trabalho”. Fiquei um pouco surpreendido porque era mais claro para ela do que para mim o que estava a acontecer e acontece todos os dias na minha vida: eu não posso, mesmo que quisesse, definir o acontecimento; sou definido por ele. É o acontecimento que me define, a minha relação com Cristo, na modalidade que Ele escolhe, e que determina a minha vida hoje. Porque todas as vezes que eu disse “sim”, vivi verdadeiramente. E quando, ao contrário, não o digo, não é uma vida verdadeira. É uma vida verdadeira porque deixei que Ele dominasse. Esta é uma certeza na minha vida que, no entanto, não tira, não elimina o drama das circunstâncias. Mas há uma coisa que nesta certeza é mais evidente para mim: só a fé me permite viver como homem, com uma letícia última diante de cada aspeto da realidade (bom ou mau). É o que está a acontecer comigo também diante da epidemia. Somente a fé, uma fé que incide no presente, me pode arrancar do nada. Este é o grande desafio que estou a viver nestes dias: experimentar a pertinência da relação com Cristo às exigências da minha vida, em qualquer circunstância. É por isso que te agradeço e à companhia do Movimento, porque sustentam a minha razão, o meu coração e a minha fé.

É isto que vemos expresso no texto da EdC: “O florescer de uma humanidade excepcional insere-se na dinâmica generativa da companhia nova que é a Igreja. Cristo chama alguns para que todos se deem conta do seu acontecimento”. Aconteceu-te sem que tu percebesses, e a tua colega testemunhou-te isso. Esta é a dinâmica geradora que, às vezes, nos parece uma injustiça: “Ele chama todos [...], mas através de um método que envolve consigo homem após homem.”. “Escolhidos. [...] Este termo indica o fundamento de tudo” (pp. 69-70), diz Giussani.

No trabalho destas últimas semanas no nosso grupo de EdC, surgiu uma pergunta que gostaríamos de fazer, para que tu nos ajudes a levar a sério esta passagem. Como é possível reconhecer o alcance do facto de sermos escolhidos, enviados? Nós vamos logo para o passo seguinte: o que faço para viver esta escolha? Mas o primeiro passo é a consciência de ser um com o Pai. É esta tomada de consciência e pormo-nos de joelhos diante desse reconhecimento que nos permite entrar cada vez mais na familiaridade com Ele?

É muito fácil reconhecer a diferença que traz consigo quem foi escolhido – até os estranhos percebem, como ouvimos há pouco. Ele faz-nos perceber que nos escolheu para nos introduzir ao combate e ao florescer da vida fazendo com que aconteça diante dos nossos olhos. Basta apenas prestar atenção para intercetar as pessoas que Deus escolhe para chegar até nós.

Na página 72 está escrito: “O Mistério de Deus [...] vibra [...] no seio da preferência humana, porque a preferência humana é a sombra da escolha da liberdade de Deus”. Deu-me uma

vertigem ao ler estas palavras. E perguntei: “Aqui, Giussani está a falar de qualquer preferência humana? Ou apenas da escolha que Deus faz quando chama alguém na Sua Igreja?” Esta pergunta fez-me viver as relações com mais atenção e cuidado, mesmo aquelas com as quais, neste momento, estou a ter mais dificuldade. Percebi, em primeiro lugar, que a separação entre sagrado e profano, ou seja, entre a preferência cristã e a preferência humana, me incomodava. Porque o meu coração é uno, a minha pessoa é una e a realidade que vivo é una. Comecei então a olhar para tudo, para toda a minha experiência, partindo das relações das quais tenho mais certeza. Num sábado de manhã, há mais de um mês, depois de ter passado uma má noite, o meu dia começou a tomar o pequeno-almoço com uma amiga. Falámos das coisas que mais nos importam, do que nos desafia mais, com uma tal correspondência ao coração que fez com que eu me reencontrasse, me libertasse. Foi um momento no qual me senti literalmente arrancada do nada, chamada pelo nome, amada por Alguém que me conhece muito bem. Assim, diante dela, retomei as palavras da EdC que, para mim, estavam a acontecer naquele momento, naquele pequeno-almoço, naquele café: “Seria o nada, o nada de tudo, mas, de forma mais pontual, o nada de ti e de mim: a palavra ‘eleição’ assinala o limite, a fronteira entre o nada e o ser. O ser floresce, do nada, como escolha, como eleição: não existe outra condição possível de propor, não existe outra premissa pensável. Esta escolha e esta eleição são a pura liberdade do Mistério de Deus em ação, a liberdade absoluta do Mistério que se exprime (p. 72)”. Com lágrimas nos olhos disse-lhe que naquele instante ela era o rosto do Mistério que, escolhendo-me, me arrancava do nada. E nas relações nas quais a correspondência não é tão evidente? Se uma preferência me tira de mim e me faz ser mais eu mesma, ou seja, me faz estar viva e presente a mim mesma, isto é um bem para mim e para o mundo inteiro! Isso não acontece quando vivo uma relação procurando apenas a minha satisfação ou um prazer. Quando é assim, eu fecho-me naquela relação, apoiando-me num sentimento em vez de me apoiar na verdade. É muito pouco! Depois de algum tempo, torna-se sufocante. Senti então de novo vontade de viver as amizades de modo verdadeiro, quer dizer, desejando que o meu destino e o da outra pessoa se realizem.

Quando um acontecimento, como o que tu descreveste, nos desperta do nada em que vivemos normalmente, vemos imediatamente a diferença, e nesse momento percebemos verdadeiramente a frase de Giussani: “Seria o nada, o nada de tudo, [...], o nada de ti e de mim: a palavra ‘eleição’ assinala o limite, a fronteira entre o nada e o ser. O ser floresce, do nada, como escolha, como eleição” (p. 72). O que faz a diferença entre o ser e o nada é justamente a eleição, que reconhecemos existencialmente quando acontece o que tu contaste. Não és tu quem decide quando acontece, só podes interceptá-lo quando acontece. E aí joga-se toda a nossa liberdade: se seguimos a modalidade através da qual o Mistério escolheu, na Sua liberdade, arrancar-nos do nada ou se buscamos a nossa satisfação. Para vir ao nosso encontro o Mistério serviu-se de uma graça particular, o carisma dado a *don* Giussani: vemos isso pelo fascínio que exerce em nós e pela libertação do nada que realiza na nossa vida! Todos têm a possibilidade de o perceber, de o apreender, como vocês testemunham nas coisas que escrevem sobre como estão a enfrentar o desafio do coronavírus. Uma pessoa escreveu-me: “Sem o carisma do Movimento, eu e a minha família não poderíamos viver esta circunstância como homens e não como escravos”. Porque é decisivo isto? Porque o Mistério quer responder à necessidade mais urgente que temos neste preciso momento. Qual é?

Ao ler o texto da EdC, há uma palavra, uma frase que não consigo perceber e, sobretudo, conceber: “Nada é, por isso, mais enganador do que a vontade de estarmos sós ou de sermos sozinhos. Na solidão, com efeito, o homem está mal, recusa-se a si mesmo: só se estiver presente, precisamente como dimensão da vida, um outro, então, embora a vida não se torne por isso mais completa, pelo menos a pessoa vive-a, aceita-a” (p. 56). É esta última palavra que não consigo perceber: para mim, não é suficiente que alguém me ajude a aceitar a vida (que me diga: “Bom, pelo menos és religioso”), não me basta alguém que simplesmente me faça companhia, mas gostaria de Alguém que desse sentido a esta solidão e que, portanto, me ajudasse a encontrar um sentido para tudo o que faço. Peço que me ajudes a perceber ou, pelo menos, a dar-me conta de onde é que estou errado.

Não, não estás errado! Justamente porque a solidão reacendeu a urgência de sentido, podes interceder, se estiveres atento, aquele Alguém que dá sentido a tudo, onde e quando acontece.

Encontrá-lo, como diz Giussani, não é um problema de inteligência, mas de atenção. Por isso, não quero responder teoricamente, quero colocar diante de ti a maneira como Ele faz acontecer.

Na passada segunda-feira de manhã, acordei muito cedo e num instante de consciência, disse a mim mesmo: “Realmente não me falta nada para viver”. Nem o vírus e a quarentena me podem impedir de reconhecer a luz que ilumina os meus dias. Para mim, o teu artigo no Corriere della Sera e a tua carta à Fraternidade foram um verdadeiro acontecimento, como um furacão que eliminou qualquer possível sentido trágico desta situação dramática. A partir daquele momento já não consegui olhar para nada do que acontecia e me acontecia, se não como uma misteriosa possibilidade de conversão. Com o fecho das escolas comecei a dar aulas através de videoconferência, e todas as manhãs acontece algo de extraordinário. Numa das primeiras semanas discutíamos sobre uma possível mudança de horários. Perguntei a uma das minhas turmas se seria um problema mudarmos a aula do início da manhã para a tarde, caso fosse necessário. Um aluno imediatamente respondeu: “Não, por favor! Quero ter a sua aula no início da manhã porque me dá combustível para o dia inteiro!” Impossível não pensar nas palavras da EdC: “O nosso eu pertence a este ‘Corpo’ que é a companhia cristã, e nele alcança o critério último para enfrentar todas as coisas. Essa companhia é, por isso, a única modalidade que nos capacita para o real, nos faz tocar o real e nos torna reais” (p.78). É assim. Não só para o meu aluno, mas também para mim que todos os dias preciso do diálogo com Ele, que “como a alvorada [...] tinge de maneira diferente o extremo longínquo do céu” (p. 77), em primeiro lugar, dentro de mim: “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (p. 77). Esta é a companhia de que preciso, uma presença que me leve a viver: “A vida, assim, adquire um novo significado e uma nova unidade. [...] Só na experiência desta coesão começa a alvorecer no horizonte da nossa consciência a percepção de um significado positivo, apesar de tudo, do tempo, ou seja, de alguma coisa maior e mais forte do que o mal e mais poderosa do que a angústia do presente” (p. 80).

Tal como aquele estudante encontrou o sentido da sua vida, a ponto de dizer ao professor para manter a aula porque lhe dá o significado e o combustível para o dia inteiro, do mesmo modo nós podemos interceptá-lo se prestamos atenção à maneira como o Mistério virá ao nosso encontro na nossa vida. É o que também vemos acontecer nos hospitais, onde a luta pelo significado emerge em toda a sua potência; não acontece somente aos outros, mas também a nós através dos outros.

Conto um episódio muito simples que vivi neste período de trabalho muito intenso no hospital. Ontem, numa das poucas pausas de trabalho, troquei duas palavras com um colega. Trabalhamos em duas UCIs diferentes, e ele procurou-me a mim para partilhar o que estava a pensar: começou sem rodeios, dizendo que neste período intenso e difícil que estava a viver conseguia ver com clareza quem era sustentado por uma certeza, e chamou-a precisamente fé. Usou exatamente estas palavras! Fiquei desconcertado, em primeiro lugar porque não esperava ouvir isso dele e, em segundo lugar, porque eu não me tinha dado conta, estava apenas concentrado no meu empenho profissional, como se estivesse a relegar Cristo para a oração da manhã, sem o reconhecer como Aquele que sustenta o dia inteiro; sem Ele, de facto, seria impossível a ideia de me levantar de manhã todos os dias para ir para o meio da morte e do sofrimento. Por isso, a minha oração, agora, é que me seja dado essa frescura do olhar para poder percebê-Lo em ação nesta realidade difícil. Se alguém tomou consciência disso olhando para mim, eu também gostaria de o fazer!

Impressiona-me que aquilo que interessa ao teu colega seja encontrar o que pode sustentar a vida dele quando está a trabalhar. Tu estavas preocupado com o teu empenho profissional, mas o que lhe interessa a ele em relação a ti é o que te sustenta a partir de dentro: uma certeza! É impressionante porque é o que Giussani diz nestes capítulos preciosos da EdC, quer dizer, que a tarefa do chamado é “introduzir a humanidade na relação definitiva com o mistério de Deus” (p. 71), ou seja, introduzir os outros na familiaridade com Cristo. É disso que o teu colega mais precisa e por isso está atento, para intercepar quem é sustentado por uma certeza – mesmo que seja um desconhecido – e descobre isso em ti pelo modo como vives o trabalho. Não precisa de procurar essa certeza entre pessoas que vão à igreja, basta-lhe interceptá-la entre aqueles com os quais trabalha lado a lado, e é ali que vê Cristo permanecer como acontecimento presente. É impressionante porque, desse modo, reconhecendo quem tem essa certeza, devolve-a a ti, a nós.

Na tua oração, pedes justamente a frescura do olhar do teu colega, mas não percebes que essa frescura já está a invadir a tua vida, tanto assim é que o outro toma consciência disso e faz-te reconhecê-lo. Deus dá-te alguém que, com o seu olhar, com a sua consciência, devolve-te a frescura, para que tu, que a comunicaste a ele, também te tornes consciente.

À luz da experiência deste mês (rico de acontecimentos que não vou contar para não demorar) que nos foi dado desta maneira inimaginável, tomo nota da pobreza e impotência que isso gerou em mim. Tudo o que eu pude fazer foi “agarrar-me “ à tua carta. Pareceu-me imediatamente a humilde oferta da tua parte de uma experiência necessária para poder viver. Percebi que essa paternidade não me é devida (percebi-o de novo por ocasião da tua reeleição) e também ela faz parte da relação com o Mistério. Seguindo como todos o caminho, percebi como a autoconsciência de que tu estás a falar não era um dado adquirido. Desde a primeira página, a carta realmente deixou-me sem rede quando falava da necessidade de “viver intensamente o real”, frase ouvida mil vezes. Nestes tempos, percebi que essa intensidade é acima de tudo uma intensidade a acolher. Como diz o capítulo décimo d’ O Sentido Religioso “é uma passividade que constitui a minha originária actividade, a de receber, de constatar e de reconhecer” antes de tudo o mais. Na dificuldade diária em aguentar e observar o impacto do que está a acontecer neste período, percebo que a irrupção do Mistério na nossa vida lhe tira a inevitável “vulgaridade”, como Pasolini diria no manifesto da Páscoa! Que experiência sempre surpreendente, sempre “outra”, isto é, que nos fala de outra coisa, de uma diferença outra, da força de outro, mas também da ternura de outro. É a ternura que mais me impressiona a respeito de Deus, o desejo de se dar a conhecer a nós, apesar de tudo, a nós, pobres coitados. Desse modo faz-me re-ser agora. Por esse motivo, começo a comover-me com a pergunta que nos enviaste: “O que é que nos arranca do nada?” Neste caminho, também comecei a perceber mais a frase da EdC que repetiste várias vezes nos últimos meses: “um encontro, se for totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações...”p.36. Vivendo esta situação, vi que O encontro como um âmbito de relações apenas alimenta a discussão, abundante e frequentemente inútil nos dias de hoje (também via redes sociais ou whatsapp), enquanto o encontro como forma de tudo ajuda a viver, dá forma ao que te é pedido para viver, seja o que for. Neste caminho, a importância do meu “sim” é aprofundada todos os dias, todos os dias e a cada hora. Começo a perceber que é um sim vertiginoso e único ao mesmo tempo, também porque eu não sou o conjunto de idéias que tenho de mim, sou o facto presente da Sua iniciativa sobre mim. Julian, gostaria de uma ajuda para aprofundar isto: que conteúdo tem para ti o “sim” que nos pedes na carta?

O conteúdo do nosso “sim” é o que está a vir à tona nesta noite de um modo muito simples: na modalidade com a qual os outros o reconhecem em nós e nos dizem. Muitas vezes podemos viver distraídos, mas os outros percebem o valor do nosso “sim” pelo modo como o intercetam na nossa vida, e nos mostram como os sustenta quando o veem acontecer. Por isso, o meu “sim” é como o “sim” de cada um de vocês, nas condições nas quais Deus vos pôs. Alguns, como o nosso amigo médico, dizem-no na ala de um hospital, outros na escola, outros, na família, eu, em casa. A circunstância na qual somos colocados não decide o valor do “sim” de cada um, não diminui o seu valor, porque é ali que o Mistério nos chama a responder. Como o Mistério irá usar esse “sim”, é um problema Seu. A nós, cabe-nos responder “sim”, porque é a modalidade através da qual Ele torna este “sim” um bem para todos. Fiquei impressionado ao ler esta semana o livro do mês, dedicado à história do cardeal Van Thuan (T. Gutiérrez de Cabiedes, *Van Thuan. Libero tra le sbarre*, Roma: Città Nuova, 2018). Embora o Mistério tenha permitido que fosse obrigado a renunciar a tudo, que ficasse isolado (como nós, agora, estamos isolados em tantos momentos), que fosse despojado de tudo, nada pode impedir que o seu “sim” a Cristo se tornasse de tal modo poderoso que mudou todos os guardas designados para o vigiar, de tal maneira que precisavam de os mudar continuamente; deste modo, continuava a sua missão. Toda a potencialidade daquele “sim” era valorizada, um “sim” que a ele, inicialmente, parecia inútil porque não lhe permitia ser útil ao mundo na forma que imaginava. Mas o Mistério tinha escolhido outra modalidade para lhe fazer ver qual era a sua utilidade.

Para esclarecer em que consiste essa utilidade, concluo com a carta de uma jovem de dezasseis anos que, por ter problemas de saúde, está ainda mais isolada de todos e de tudo. Escutem o que escreveu a uma pessoa adulta que acompanha os jovens dos Liceus na sua cidade:

“A chegada da pandemia fechou-me em casa. Como toda a gente, sofri a falta de tudo, mas para mim havia mais uma coisa em causa. Por causa da minha doença, se contraísse o vírus, poderia morrer. É algo real. Acredito que só a experiência destes anos e a amizade contigo [escreve à sua amiga] fizeram com que eu não desmoronasse. Assim, mesmo sentindo medo, procurei, em cada dia, viver tudo seriamente, mas a oração permanecia um pedido: que tudo isto acabe depressa. Tu dizes que nos negligenciaste. Eu digo que, embora aquilo que estás a fazer não o estejas a fazer connosco, tu estás connosco com mais força do que antes [quem escreve isto é uma miúda de dezasseis anos!]. E aquela coisa maior deu-se a conhecer do modo mais simples possível, ou seja, fazendo acontecer factos que pouco a pouco encheram de uma estranha alegria o meu coração doente por causa do medo: é A/algumém [com letra maiúscula e minúscula na mesma palavra] que tem o poder de me libertar da angústia porque quer fazer-me respirar a vida, a vida que existe também agora e que vi em vocês. Eu sei, porque antes ficava em casa para não correr o risco de morrer, para não perder o alento. Agora estou em casa para viver, viver. Ficar em casa não é para me defender de uma ameaça, mas é o lugar no qual espero ser alcançada pela vida verdadeira. Tudo mudou, desde o meu modo de viver o estudo à distância até ao meu modo de olhar para os amigos. ‘Sim, porque Ele está aqui’. Ouvindo as tuas histórias, vendo os teus *posts* nas redes sociais, quantas vezes desejei poder estar lá, mas pensava logo que não me posso expor [com o risco de contrair o coronavírus, por causa da sua doença]. Mas nunca me zanguei nem fiquei triste, porque também eu já vivia o que via acontecer em ti. Viver esta nova situação com o mesmo olhar de sempre foi difícil, mas não impossível. Difícil, porque não basta repetir palavras positivas. Não impossível, porque basta apenas que aconteça de novo, e hoje aconteceu. A verdadeira alegria está em dar a vida pela obra de Outro e a primeira obra sou eu, que deixei a minha humanidade ser nutrida pelo Único que o pode fazer”.

É assim que Cristo reacontece e permanece na história. É o que celebramos agora, fazendo memória daquele “sim” que mudou o mundo. Aparentemente celebramos uma derrota; inicialmente ninguém entendia porque dava a vida, nem sequer os Seus discípulos, mas ninguém pode dissuadi-Lo de seguir o desígnio do Pai. Porquê? Porque Jesus sabia que só se o grão cai na terra e morre, pode dar fruto. O nosso “sim” é isto. E é isto que celebramos na Quinta-feira e na Sexta-feira Santas, esperando ver o fruto da Sua ressurreição na vida de cada um de nós. Temos a possibilidade, principalmente neste momento, de nos identificarmos ainda mais com Ele, seguindo um desígnio que não é o nosso, para nos doarmos a Ele no silêncio – repito, segundo um desígnio que não é o nosso – para o bem de todos. Espero que este ano a Semana Santa não seja percebida como um “menos” pelo facto de termos que celebrá-la de um modo diferente. Pelo contrário, aproveitemos esta ocasião para nos identificarmos mais com o “sim” de Cristo, que foi e é verdadeiramente a salvação do mundo.

AVISOS:

Não podendo, evidentemente, participar nos gestos habituais da Semana Santa, a sugestão é acompanhar através dos meios de comunicação as celebrações presididas pelo Papa.

Sugerimos também que aproveitem a ocasião para retomar em família os textos do livrinho que *don* Giussani sempre propôs para nos ajudar a viver a Semana Santa, que está disponível no site de CL, em formato PDF.

Que a essencialidade da proposta que fazemos seja, para cada um, ocasião de ir a fundo daquilo de que verdadeiramente precisamos para viver. Não nos deixemos distrair por outras coisas, identifiquemo-nos com Aquele que, este ano, nos chama a viver a Semana Santa nestas condições insólitas. O Mistério não está “distraído” e, portanto, não devemos encher esses dias com a nossa genialidade! O modo mais simples para seguir o Mistério é viver seguindo a modalidade proposta pela Igreja e pelo Movimento.

Especialmente este ano, a Semana Santa é uma oportunidade única para tornar viva em nós a experiência do silêncio, assim como *don* Giussani o entende: “O silêncio [...] não é um nada, o silêncio é uma oração, é a consciência de estar diante de Deus, [...] é um pedido” (L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Milão: Bur, 2018, pp. 212-213).

Fundo Comum. Nestes tempos tão dramáticos, todos sentimos vivo o desejo de ajudar, também financeiramente, as pessoas nas necessidades que têm e que terão no futuro próximo. Como já tive ocasião de vos escrever, *don* Giussani educou-nos a conceber e a viver cada particular em nexos com o todo e com uma conceção comunitária do que possuímos. Por isso, peço que considerem com grande seriedade o compromisso com o Fundo Comum de modo que a Fraternidade possa fazer frente, nos limites do possível e levando em conta todos os fatores em jogo, às diversas necessidades que se têm apresentado e que se apresentarão.

Difusão dos avisos do Movimento em Itália. Foram criadas uma nova plataforma e uma nova aplicação (também para telemóvel) para a difusão dos avisos centrais do Movimento. A partir da segunda metade de abril essa será a única maneira com que, em Itália, serão comunicados os avisos nacionais e regionais.

Tracce/Passos e instrumentos de comunicação. A Passos, o site e as redes sociais do Movimento são um instrumento precioso – estamos a vê-lo nestes tempos – que nos acompanha no caminho de todos os dias. Muitos conteúdos propostos por esses meios podem ser partilhados com amigos, colegas, familiares, etc., ainda mais neste momento.

Lembro que assinar a revista é um modo de sustentar toda a atividade de comunicação do Movimento. Não havendo a possibilidade, este ano, de assinar ou renovar a assinatura durante os Exercícios, será lançada brevemente uma campanha especial de assinaturas.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira, 6 de maio, às 21h, na modalidade que será comunicada com base na evolução da emergência de saúde pública.

Continuaremos o trabalho sobre o *Gerar rasto*, retomando os pontos 5 e 6 do texto: 5. “UMA CONCEÇÃO NOVA DA INTELIGÊNCIA E DA AFEIÇÃO” e 6. “UMA MORALIDADE NOVA”, que são particularmente pertinentes ao caminho que estamos a fazer nesta circunstância tão desafiadora.

Quem desejar enviar o seu contributo contando a sua experiência ou enviando perguntas sobre estes pontos pode escrever para o endereço habitual: sdccarron@comunioneliberazione.org

Desejo-vos a todos e às vossas famílias uma Páscoa Feliz. Adeus a todos!